

Antologia

15º Prêmio Escriba de Poesia



PIRACICABA 2022



SEMAC
SECRETARIA DA
AÇÃO CULTURAL



PREFEITURA DE
Piracicaba
TRABALHO SÉRIO

XV Prêmio Escriba de Poesia 2022

Prefeitura do Município de Piracicaba

Secretaria Municipal da Ação Cultural

Biblioteca Pública Municipal “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”

Luciano Almeida | Prefeito

Carlos Beltrame | Secretário da Semac

Melysse Martim | Diretora da Biblioteca Municipal

Comissão Organizadora

Melysse Martim, Alexandre José Cruz, Antonio Filogenio de Paula
Junior, Elcio Queiroz Couto

Comissão Julgadora

André Bueno de Oliveira, Athayde Negreiros, Carla Ceres Oliveira
Capeleti, Esio Pezzato, Otacílio Monteiro

Dados gerais

457 inscrições, vindas de 25 estados brasileiros e do exterior: Angola,
Irlanda e Japão. 37 inscrições de Piracicaba

Sumário

1º lugar – Vassoura de outono	4
2º lugar – Vitrais do tempo	7
3º lugar – Ortografia de limalhas	8
Melhor de Piracicaba	10
Martelo da peleja de Nísia Floresta contra o obscurantismo.....	10
Menções honrosas	17
Erotismo à la Drummond.....	17
Enquanto durmo.....	18
Lavoura.....	23
Um trem na curva do rio.....	26
Vocação para naufrágios.....	29
Arco-íris.....	31
Dias e dias.....	33
Selecionados	34
Livros.....	34
Mise en abyme.....	35
Esperança... poesia viva.....	36
No ventre das fadas.....	38
Outras vidas.....	39
Minhas moradas.....	43
Velha casa do centro.....	45
Amoras maduras.....	46
Quem desconhecerá os meus domínios?.....	47
As cores da minha infância.....	51
Magnólia.....	53
A obra sem fim.....	55
Sepultura.....	57
Os amantes de Valdaro.....	59
Memória.....	60
Enquanto chove.....	61
Gritem mais, meninas!.....	62
Instrumento para iluminar silêncios.....	70
Sol e lua.....	71
Domingo.....	73

1º lugar

Vassoura de outono

Ademir Martins

Macaé, RJ

Pende frontalmente esse tronco
de mulher varrendo o outono
da calçada.

– Uma cerimônia de décadas...

Sabe-se lá quantas nervuras, outrora verdes,
já – secas – flutuaram seus corpos em coreografias,
dos ramos às fibras de seu fiel instrumento...
(diário, permanente, sacro rito doméstico.)

Duas tetas, estreladas,
choram no côncavo peito,
murchas de idos filhos

– longes filhos... –
desmamados... para onde?...

(Felizes os rebentos... seriam?
Teriam completado os estudos?... Formaram-se doutores?...
Casaram-se?...
E os netinhos... tão lindos... tão sonhados!...)

O que poderia saber sobre ela,

eu, que somente passei meu caminho

diante da firme carícia da piaçava no cimento?

Mais adiante, a boca-de-lobo, em silêncio,

agradece:

– “Água há de passar sem que eu engasgue.”

(sem que o quarteirão se entupa, se desespere de enchentes,
se afogue...)

Uma sensação (minha ou dela?)

de que, se larga a ferramenta,

espatifa-se a face no chão.

Mas ela não larga: prossegue, sustenta,

determinada, a higiene da fachada.

(Tudo precisa ser limpo – tudo na vida!...)

Quem estaria à sua mesa no próximo domingo?

Frango, maionese, macarronada,

serena mousse de maracujá, as peras merengadas, aprendidas na TV...

– ... tantos sabores!... –

para que bocas?...

E tem mais:

haveria o próximo domingo?...

Sua mão esquerda é mais triste:

duas alianças.

– ouro funde-se em ouro

de eternas bodas de mel,

na mística, alquímica joalheiria,

de aqui e do além: um só largo anel!

– um homem é ressuscitado
diuturnamente em seu apenas dedo
anular esquerdo!

Ah, como passam as estações
sem dar conta alguma de sua irreduzível vassoura!
E como – com que dor!... –
seus olhos acusam o vento e a beleza das árvores
diante da casa!...

2º lugar

Vitrais do tempo

Elvira Glória Drummond Miranda

Fortaleza, CE

O tempo segue à moda dos vitrais,
configurando imagens de pedaços.
Retalhos do passado, nada mais...
segundos viram todos estilhaços.

Momentos que jamais serão iguais,
tão simples, mas contendo tantos traços,
divagam preenchendo os ideais
que a mente, afoita, prende em seus espaços.

O tempo escoa em pérfida peneira,
numa atitude ingrata e traiçoeira,
mas desconhece a força da memória...

Não sabe que horas tristes eu derreto,
congelou apenas tempo em allegretto,
pois dona sou da minha própria história...

3º lugar

Ortografia de limalhas

Pseudônimo: *Augusto da Paz*

José Carlos Santos Peres

Avaré, SP

Não bastam batidas de ferro
à barra fundida em bigorna
para que desse duelo saiam
elos de chave nova.

– das rebarbas remoídas restolhos sobram
no fundo da morsa: escamas de peixe-chave,
farpas de aparas mortas –

Ao chaveiro o ferro tem falas:
ecos de lima em esquadros trançados
fluindo nova linguagem em ranhuras:
ortografia fina de limalhas...

– no dorso da peça: atalhos
esmerilhados ao tato pensado,
percursos sempre novos
inventados em pequenos espaços –

É preciso à barra batida em ferro

dar-lhe carícias de mãos
(sentir a geografia dos traços)
para que nos entalhes
novo discurso se faça:
segredos de artesão.

Melhor de Piracicaba

(Homenagem a Maria Cecília Machado Bonachella)

Martelo da peleja de Nísia Floresta contra o obscurantismo

Alexandre Basso

Piracicaba, SP

Abolem-se aqui, vou começar
o relato da vida tão austera
de Dionísia Gonçalves Pinto, que era
valorosa e valente potiguar,
mas o nome de pia é bom trocar
por um outro que traga mais renovo,
fica então, em acordo com meu povo,
como “Nísia Floresta”, a terça parte,
“Brasileira” a seguir, e com muita arte,
em “Augusta” findado o nome novo.

Quando vã e supérflua se veste
a vaidosa Coroa portuguesa,
nasce Nísia, distante da nobreza,
em província acanhada do Nordeste,
o torrão que ela amou, tão incontestes;
a cidade, que o nome seu empresta,
Papary já não é, ninguém protesta
que na troca por outro, afamado,
o bom gosto alinhou-se ao povoado

ao chamar-lhe de Nísia e de Floresta.

Adiantada às batalhas feminais,
publicou o *Direitos das mulheres*
e injustiças dos homens, os poderes
que, dos sexos, lutou por ver iguais:
reflexões que por cá ninguém se faz...
mas não pense você, leitor dos versos,
que conceitos em prisca era imersos
comparáveis aos de hoje eles seriam:
eram tempos severos que viviam,
aos direitos humanos tão adversos.

Traduzindo polêmica europeia,
as demandas de terras estrangeiras
ela soube adaptar às brasileiras
com o brilho especial da própria ideia,
no que foi, dos seus livros, a sua estreia.
Vendo o quão que de nós iam à frente
os costumes do velho continente,
percebeu nos estudos uma mola,
desejando à mulher acesso à escola,
para ser mais na vida competente.

Os seus livros seguintes foram telas
da instrução de meninas na obediência,
mas também ensinava-lhes a ciência
para dar bom proveito à vida delas,
assim era o “modelo de donzelas”;
a heroína cristã, de face amena,

retratou em Fany, Daciz, Filena...
do modelo repletas, como esponja,
firme a fé, inimigas de lisonja
que a virtude mais sólida envenena.

Deu à escola que funda o nome Augusto,
mesmo nome do esposo que ela amara,
de quem, jovem, viúva se tornara;
abatido o moral, seguiu com custo,
pois fora homem afável, fiel e justo,
já em outros, morava o preconceito,
ou inveja feroz daquele feito,
provocavam, assim, a educadora,
a descrer da proposta inovadora
revelando um olhar de mundo estreito.

Lívia, a filha, cresceu entre as internas;
companheira das viagens do futuro,
demonstrava talento prematuro,
e na idade em que moças batem pernas
ela já traduzia obras maternas.
Educada ela foi, com tanto anelo,
que nem cabe nos versos de um martelo...
o caráter, enquanto se formava,
das condutas que a mãe incorporava
foi virando o evidente paralelo.

Nos doze anos de Lívia é costumeiro
dar-lhe a mãe um vestido lindo, ou saia,
sedutor chamariz de fina alfaia,

sapatinho brilhante e regateiro,
ou qualquer outro adorno passageiro?
Deste mundo, o valor mais aparente
não entrega, zelosa, de presente,
mas um livro do punho, em que aconselha
proteger dos apelos vis, a orelha,
e na senda dos justos ir em frente.

É o amor que essa filha lhe devota,
com vigor do genuíno sentimento,
o que faz permitir o entendimento
desse método novo que ela adota,
pois aos pais, desde a era mais remota,
é devido o respeito à autoridade,
não por medo: por lúdima vontade,
sem vergonha lhes dar, ou dissabores,
que quem ama, feliz, os genitores
amará certamente a humanidade.

Quando o *cholera morbus* atacou,
sem olhar para a vítima do agravo,
se era rico patrão, ou se era escravo,
de um - e de outro, foi Nísia quem tratou,
o martírio, sem pausas, enfrentou;
dói-lhe a vida do negro, tão obscura,
e tampouco dos índios se descara
dando lágrimas tristes a um caeté...
invisíveis feições, à Igreja até,
acham voz na gentil literatura.

Era crítica aos vícios, sempre atenta
a qualquer expressão de iniquidade,
dando-lhe ascos aquela sociedade
que promove veloz quem mais ostenta
e dos dignos se olvida, sonolenta;
desejava um país republicano,
que não sonha agradar um soberano
com encômios ou frívolos meneios,
ocos seres, carentes de recheios,
cujo título nobre é sempre o plano.

O irmão dela, Joaquim Pinto Brazil,
bom filósofo, grande educador,
era avesso ao falar bajulador.
Não possuía esse espírito servil
então próspera a vida nunca viu...
conhecemos o quão ele é querido
por um livro da irmã que é esquecido
sobre solo francês, que precisou-se
esperar muito tempo até que fosse
ao vernáculo nosso convertido.

Após Lívia ferir-se gravemente
ao cair do cavalo em que montava,
para a cura da filha que ela amava,
aconselha-se a mãe de forma urgente
com Meireles, doutor experiente,
que os remédios receita, de remendo,
sugerindo ares novos, como adendo;
a mãe junto da filha, companheira,

se despede da terra brasileira,
e por anos na Europa vão vivendo.

Grécia, Itália, Alemanha, Portugal,
Inglaterra... – alojando-se na França,
o lugar onde o mundo mais avança,
o que ajuda a aumentar-lhe o cabedal
com ideias de um povo liberal.

Expandindo inda mais seu horizonte
em Paris, se acercou de Auguste Comte,
o filósofo, fiel positivista,
dela amigo e constante missivista,
uma límpida, farta e amável fonte.

Foi um séc'lo de luzes e de gozo,
entretanto se viu sempre partindo,
do alarido da guerra, o som ouvindo,
pois também sombrio foi, e perigoso,
feito todo esse mundo buliçoso
pretendesse prendê-la em armadilha:
a revolta sulina Farroupilha...
a Equador, com o mártir Frei Caneca...
a Comuna, que contra a França impreca...
pareciam, de Nísia, ter a trilha.

Entre Europa e Brasil se dividia,
reservando um espaço nas bagagens
aos relatos vividos nas viagens
que na língua estrangeira bem vertia,
porque várias, a fundo, conhecia;

quis fortuna que o frio chão europeu
acolhesse o cansado corpo seu...
para cá, após décadas, voltou
ao jazigo que a ela se elevou,
muito próximo ao sítio onde nasceu.

Para o fim, minha Virgem, peço ajuda,
desejando sucesso na empreitada,
que a pessoa é figura renomada,
de tão clara visão, de mente aguda,
que o estrangeiro curioso a obra estuda;
preservada tinha a alma sertaneja,
mas do espírito a paz, em si, sobeja:
fez da força do ensino o seu cutelo
e da crença cristã, o parabelo,
pois quem arma-se assim, melhor peleja.

Esboçou minha décima simplória
a mulher, conterrânea brasileira,
que de tantos avanços – foi primeira,
atestando inda mais a sua glória,
que um lugar, meus amigos, tem na História...
Saiba o povo servir-se dessa luz
pelo nobre caminho que o conduz,
sem ter peia na mão, que a faz cativa,
ou ter força a oprimir a fronte altiva,
que esse povo, essa gente, assim faz jus.

Menções honrosas

Erotismo à la Drummond

Cintia da Silva Yamanaka

Santo André, SP

Gosto de, à espreita, te ver vestido de água,
quando no fim dos cabelos se forma
a cachoeira que escorre pela nuca,
rio espiando o fio que percorre a espinha
e passeia na pele até o arrepio.
Flagrada, teus dedos me tateiam, enrugados
Em mil gemidos me desfio, liquefaço.

Enquanto durmo

Pseudônimo: *Lupita Casadeval*

Viviane Ferreira Santiago

Ferraz de Vasconcelos, SP

Parte I

Antes de mim
nasceram sete,
quatro foram para a casa de deus
as três vindouras
vagam pela terra.
A primeira:
Dulce,
preocupou-se em ser mãe
e assim sendo
não foi mais nada.
Depois dela,
veio Helena,
dedicou-se a fazer renda,
rendida
ainda aos treze
trama redes de fugas
para meninas tristes.
eu, sendo a terceira
nasci sem pernas
também sem asas
restando-me a sina
de nessa vida
ser a palavra.

Parte II

Tenho sonhado
com pernas mancadas
paralisadas
diante da necessidade de fuga,
sonho com bocas
sem dentes
e dentes nas mãos
caídos.
Enquanto durmo,
vejo flores
soltas num quintal
desconhecido
um terreno esquecido
pela memória
que insiste
em lembrar-me
que em algum lugar do mundo
cultivei ipês amarelos.
Olhos que não se abrem
e pés descalços
me envergonhando em público.
A mãe morta
e a lágrima presa nos cantos
meu irmão me olhando
como quem diz:
Por que não chora?
Não ama?

Eu,
com a boca
vazia de dentes
e palavras penduradas
no céu da boca.
Caçando pelo pai
que reveza
em instantes
lapsos
entre
o abraço e o espaço
onde corpos moram
depois de mórbidos.
Tenho visto
três mulheres
que dançam
em uma laje estreita
uma cai
uma voa
e a outra escreve poesia
com dedos de toco
gastos pelo ofício.
Um gato no telhado
quebrado
enquanto mastigo cacos
Insistentemente.

Parte III

Ouvi dizer,
pela boca de uma santa
que vejo em sonhos
mas não sei o nome
que meus ossos
que se quebraram
na infância
estão guardados
em uma caixa envernizada
onde se guarda segredos de família.
Nela, coube o grito de minha vó
quando perdeu seu quinto filho. [\[Quatro chutes ao total\]](#)
e a vida,
alguns gritos mais tarde.
A caixa é pequena,
porque a dor
no mundo das santas
se condensa,
e fica miúda
como eu ficava
quando aos seis
me escondia
na construção inacabada
do final da rua
quando o pai chegava estranho
e a mãe olhava torto
pelo canto
eu entendia
e corria corria

até o chão acabar
e algumas lágrimas caírem
pela terra
na caixa de guardar segredos de família
tem meus sete RAIOS X
que mostram
em cheque
a parte
que o pai
tocou com mais força naqueles dias.
Ossos finos e frágeis. [\[coisas de família\]](#)

Lavoura

Josiane Marques Duarte

Muriaé, MG

Comecei uma plantação
de palavras
Num desabitado do meu
pensamento
A intenção é cultivá-las
em linha reta
Pra ver se elas me servem
de estrada
que vai dar
no entendimento das coisas
É lá onde pretendo me assentar
viver da minha horta
de letras
e à tardinha sair perfumada
e sem pressa
colher significados
Já me vejo ajeitando-os numa cestinha
de volta pra casa
planejando o jantar
Hoje servirei lampejos aos convidados
que chegarem com fome de perguntar
De entrada, canapezinhos de vislumbres
deliciosamente inteligíveis de mastigar
Darei a todos o melhor vinho da casa

da mais antiga safra de metáforas
E assim, cercada
de amigos e comadres
sorverei a noite entre
risos
e belas frases
Depois, na varanda, ficarei dando adeus
enquanto eles voltam
pela mesma
estrada
Então fecharei a porta
às costas deles
E me deixarei cair
enternecida
no sofá
A me render a um sono
tardio
e preciso
Onde terei visões
da minha plantação de palavras
crescendo para os lados
e para adiante
até não poder dizer mais
de todas elas
que sejam minhas palavras apenas
porque já estarão dando filhos
em cachos
para além de onde minha vista
alcança
E então vou torcer para que caia

uma longa chuva de
sentidos
a fazer com que a safra seja farta
e boa
E cada um possa colher
por si mesmo
as palavras que lhes faltem.

Um trem na curva do rio

Pseudônimo: *Sol do meio-dia*

Flávio de Araújo Albino

Paraty, RJ

No tempo dos dissabores
não tínhamos pães se abrindo como janelas de trigo
apenas a faca esquelada, de cego corte
desejando cantar de galo amanteigado
sobre o outeiro das nossas vidas.

Na velha estação vi minha mãe partir
enquanto a saudade apitava nos trilhos.
Casas de pau-a-pique ruíam
espantadas frente aos novos sonhos de alvenaria.

Foi quando conheci Laura, Leda e Elmer
os irmãos Tércio e Dimas, ambos cegos.

A pequena vila, vagão do nosso mundo
não se desatrelava
embora vez ou outra
a tristeza insistisse em nos descarrilar.

No queixo ainda me honra a cicatriz da melhor briga
que venci contra o italiano
embora na Represa dos Guedes
ser derrotado por ter menor respiração.

Amei Laura aos treze anos
Leda foi levada pelo mascate porco cane.
Tércio e Dimas nos fizeram ver a vida
enquanto velávamos Elmer
que na disputa a nado
foi vencido pela grande cheia do Rio Sorocaba.

Não havia mel ou frutas sazonais
sequer um pote de geleia sobejando
entretanto alguns biscoitos de sal
esfarelavam-se amistosos
apaziguando gatos e pardais.

Laura teve febre
sua vida foi como flor de café que murcha após três dias
mas que se entreabriu em frutos verdes
na floração dos nossos filhos.

Na Fazenda Barreiro do finado Manoel Novaes
plantei, colhi, negociei
e foi lá que tive à vista o povo que ergueu uma cidade
apenas por acenar aos desconhecidos que chegavam
acenando aos que partiam de vez.

Hoje olho para trás e vejo a fumaça do velho trem da vida
ainda com faíscas nos trilhos
e que fez e faz de todos nós
passageiros apressados por partir e chegar.

Mas ainda como quem desfaz as malas
lequeando o chapéu de palha
tendo Laura e as crianças me esperando
e sobre a toalha limpíssima
a bebida encorpada de sorrisos
preto olor em canecas cálida
como triunfo das manhãs.

Tempo quando enfrentávamos os dias
renovando nossa força e fé
onde não havia pobre ou rei
ninguém mais importante que criança
que não pudesse beber da esperança
feito o quente café.

Minha velha Jumirim
como um trem que não parte...

A saudade é um rio largo
profundo
e caudaloso
que sempre deságua em si mesmo.

Vocação para naufrágios

Karina Diehl Ripoli

Brasília, DF

tenho vocação para naufrágios
deixo o canto da sereia me guiar
sou capitã de um navio fantasma
ancorado no mais fundo do mar
entre sal e algas marinhas
um mau presságio
eu tenho vocação para naufrágios
navegar até a ilha de *lesbos*
no intuito único de trocar carícias
com a poeta mitológica
fazer amor como se fosse poesia
partindo um verso aqui
lá, um afago
eu tenho vocação para o estrago
tomando rum, sem tomar rumo
errante marinheira
à deriva do destino
brincar de sátira
com ninfas libertinas
eu tenho vocação para a ruína
mas se a sirena chama
eu largo tudo
e enlouquecida
me atiro em seus braços de mar

morrer assim ninada é privilégio
eu tenho vocação para naufrágios

Arco-íris

Pseudônimo: *Mah Marra*

Maíra Chuquer Marra

Dublin, Irlanda

Ela era linda ela
Ela era um arco-íris
Mas ela ou chovia
Ou fazia sol
E assim nunca via o potencial que tinha de ser cor.

Quando sol
Ela brilhava e irradiava amor
Ela era a alegria de viver em forma de gente
E contagiava com energia quem estivesse por perto
Era sonhos e poesia e esperança
Era sorriso sincero de criança
Era luz.

Quando chovia
Ela molhava a alma com suas lágrimas
Ela era arrependimento, culpa e mágoa
E escondia tudo dentro pra ninguém notar
Era triste e pequena, assimetria
Era alma que foi quente sendo fria
Era estrela que esqueceu como reluz.

Ela era linda ela

E um dia, assim sem querer,
Ela fez sol
E ela choveu
Ao mesmo tempo.
E nasceu um arco-íris dentro dela.

Quando arco-íris
Ela aprendeu o equilíbrio
Ela era luz e escuridão
Era euforia e desalento
Era o silêncio e era a canção
E entendeu a harmonia que existe
Na diferença.

Ela é linda ela

Dias e dias

Fernanda Aléssio Oliveto

Brasília, DF

Há dias em que a vida
Se apequena tanto
que cabe em um envelope,
Em uma gaveta,
Em uma palavra apenas
E há dias em que está tão grande,
Tão acintosamente grande,
Que só cabe em poesia

Selecionados

Livros

Pseudônimo: *Augusto Sousa e Cruz Bilac*

Ricardo Camacho

Rio de Janeiro, RJ

Brindando ao mundo mais sabedoria,
Os livros, como relicários santos,
Espalham Luzes nos vitais recantos,
Fortalecendo os Sonhos e a Alegria.

A cada aberta página irradia
Um mundo de riquíssimos encantos,
Com a esperança que elimina prantos
Nas faces cheias de melancolia.

A fonte de leitura é um farol,
Clareia o ser que pensa, como um sol,
Na sagração do Bom Conhecimento

De quem viaja no Oceano Astral,
Em páginas divinas dessa Nau,
No Mar do Tempo e do entretenimento!

Mise en abyme

Marcos Nunes Loiola

Botuporã, BA

No espelho desta longeva cristaleira
Eu, espelho, me vejo em abismo.

Minha face desvela-se embaciada
Por frágeis taças de cristal
Feito uma pintura surreal.

Vejo-me entre xícaras antigas e empoeiradas
Que ainda conservam de outrora
O suave cheiro do café...

Reconheço-me em múltiplos planos:
Meu eu maior guardando cópias
Dos meus eus menores e esses
– Ainda inalcançáveis pela retina –
Guardando mistérios...

No espelho desta longeva cristaleira
Eu, espelho, me vejo em vertigem
Queda livre ao (in)finito...

Esperança... poesia viva

Pseudônimo: *Cavaleiro de Cervantes*

André Luís Soares

Guarapari, ES

Vem de repente
o brilho travesso
dessa canção de sol
que envolve a tudo,
transcendendo esquinas
de medos antigos
– sem exigências
ou salvo-condutos –;
escancarando portas
como faz o vento;
sobre linhas tortas
como quer o verso;
e na paz da retina
arde peito a dentro,
sempre irresistível...

Vem inconsequente
alheia ao perigo,
essa monção de sal
a espalhar indultos;
transbordando rimas,
violando abrigos
– entre as luas cheias
de meus sonhos puros –;

repintando as rosas
até tanger o verde;
revertendo as horas
até exaurir a tarde;
e por ser menina
(alegre e ingênua)
banha-me de unguentos
contra o impossível...

No ventre das fadas

Pseudônimo: *Aprendiz de Menino*

Silvio Valentin Liorbano

Osasco, SP

Leva um punhado de versos entre as meias surradas

Cinquenta anos a engolir areias e desertos

Cinquenta anos a ninar imaginários netos

Que ainda moram no ventre das fadas.

Filhos, livros e rascunhos dispersos

O peso da bagagem que importa

O peso da vida que o coração suporta

A poesia é passagem para outros universos.

Leva a saudade das coisas imaginadas

Dos poemas que ninguém explica

Das rimas que mal deixaram pegadas.

Leva um punhado de rascunhos no alforje

O medo de quem fica

A coragem de quem foge.

Outras vidas

João Ximenes Neto

Rio de Janeiro, RJ

Dentro de mim
Vive o homem
Devoto e profano
Na roda do Jongo,
Jogando e girando
Corimá, capoeira, caxambu.

Dentro de mim
Vive o homem
Da casa de santo,
Pés descalços,
Cabeça no chão.
Bota comida pro santo
E manda rezar.
Canjica, cantiga,
Oxum, Oxalá.
Faz ebó, tira feitiço,
E espanta mau-olhado.

Dentro de mim
Mora o preto velho,
Chapéu de palha
E cachimbo na mão.
Tronco curvado,

Café na mesa,
Contando a história
Dos negros cativos.

Dentro de mim
Vive o homem do campo,
Colono do canavial.
Profeta, curandeiro, caboclo,
Sinhô do milharal.

Dentro de mim
Vive o índio caiapó,
Cabelo preto, pele acobreada,
Ianomâmis, tupiniquins, tupinambás.

Dentro de mim
Vive o homem da lenha,
Do forno e fogão.

Dentro de mim
Mora o pescador
Casado com a areia
E com as ondas do mar.

Dentro de mim
Vive o homem letrado,
Amante livre
Sem preconceitos.
Dentro de mim
Vive o homossexual

Menestrel
Maquiador.

Dentro de mim
Vive o zelador,
Que lava o chão da igreja
Com água de cheiro e vassoura.

Dentro de mim
Vive o homem da guerra,
De acordo e de paz,
Diplomata sério,
Caixeiro viajante,
Ruralista, roceiro, agricultor.

Dentro de mim
Vive o moleque da rua,
O moço da esquina,
Operários, erês e malandros,
O velho coxo
Encostado na cadeira de balanço
Esperando a sua hora chegar.

Dentro de mim
Homens brancos,
Negros e índios,
Carregam o meu espírito,
E herança dos meus ancestrais.

Dentro de mim

Sou o homem da terra,
Aqui cheguei,
Aqui vou ficar.

Minhas moradas

Adelson dos Santos Ramos

Salvador, BA

Deus é pai
Terra é mãe
O divino clã
E eu, um barco que vai
E sempre volta ao cais
Um clandestino no amanhã.

E refrigero minha alma
Em brisas de sucinta eternidade
E logo volto a ver com outros olhos
A mesma imagem com outra saudade.

Deus é porto
Terra é parto
Assim, sempre me repatriei
Entre alma e corpo
Eu me reparto, e partirei.

E nas idas e vindas
Às casas do meu pai
Duas moradas lindas
A que me recria
E a que me refaz.

Deus é o passo
A terra passagem
E no caminho eu faço
Do coração paisagem
Entre dois espaços
Uma aprendizagem
Amar e se doar
Esse é o destino de cada viagem.

Terra é um todo
Deus é o tudo
Lugares sempre a me habitar
E a me esperar quando me mudo.

Velha casa do centro

Pseudônimo: *Alfonsina*

Ivete Nenflidio

Santo André, SP

Nos telheiros,
uma aranha descia
pelas cordas,
desafiando os nós;
obstáculos incalculáveis
do balanço
sem corpo

Os alpendres não cobriam
os pés congelados,
as cobertas não detinham
as goteiras da velha casa

Pombos criavam seus refúgios.

Arriscado era acreditar
nos retalhos
que ainda sustentavam
as paredes
e os telhados

Amoras maduras

Camilo de Lélis Furlin

Porto Alegre, RS

Esmago amoras maduras
com as pontas dos dedos
sobre um prato de porcelana

Alguns ramos da amoreira sobre a mesa lembram-me o bicho-da-seda
Recordo de minha avó que me foi mãe
e da mãe que tendo-a não a tive

Esmago as amoras maduras tingindo a brancura do prato
Esmago-as mas nunca as levarei à boca

Choro a filha que não veio
que nunca as provará
Meu ventre é
um casulo
vazio

Amoras maduras
sangram
à toa

Quem desconhecerá os meus domínios?

Raquel Oliveira de Castro

Rio de Janeiro, RJ

Era vazio

silêncio

caos

temi

tremi

e

vi

deus criar o Verbo

que se fez homem

Invadi seu corpo

alma

mente

mas foi ele quem me tomou

Deu-me forma

tons ritmos e cores

família partido instituição

continente e conteúdo

Parti-me

e

Parti

criei reinos impérios civilizações

mitos tempo história

Tomei espaços

invadi o virtual

subverti o algoritmo

me

di

gi

ta

li

zei

Volúvel e volátil

me espalho em

rostos

fachadas de prédios antigos

ruas passos passeatas

Protesto

contra toda forma de controle

me dispo para acompanhar a moda

me entorto para acompanhar o traço

me parto e me perco de novo

em meus prazeres

R

U

Í

N

A

S

em desejos

Permaneço

incontida

fluida

transmutável

disciplinadamente

d i s s i p a d a

guardo as novas gerações
de vândalos bárbaros ciganos
errantes e eRados

do novo milênio

rebeldes com ou sem causa
novas cores a minha existência
outros sons para antigas melodias
Namoro esse homem

Geek

Y

Z

Deixo que me tome me abuse me molde
Antes ele que o silêncio

Não

tenho

pressa

Escapo espalho me esvaio

em outras línguas

Dou nó em pingo de éter

quando a água me falta

E sou capaz de tirá-la

da face mais austera

do corpo mais rígido

e da alma mais doentia

Adoeço quando os jovens amam

sou sábia na maturidade dos velhos

Adormeço nas certezas

desperto as paixões

serpenteio nas cantigas de roda e me

O

NO

MA

TO

PEI

O

nas brincadeiras de criança

Sou feitiço

Fragmentos de memória

Ladainhas de povos antigos

Sou

o que há

o que foi

o que há de ser

Sou

esperança

fabulare

promessa

A bracadabra

sou

PALAVRA

As cores da minha infância

Pseudônimo: *Astbury*

Marco Antônio de Oliveira

São João de Meriti, RJ

Não me lembro
brinquei com tanta força
que devo ter quebrado essas lembranças
as cores das pipas me distraíram muito
e nem notei sua cor
corremos fartamente nos piques-bandeira
que o suor nos tornava uniformes no brilho
nossos piões giravam tão rápido
que as quatro cores deles se misturavam

lembro-me do canela fina, do baleia orca,
do tiziu, do desbotado
apelidos para identificar a tropa
cada um tinha um poder
o baleia era mestre no corredor polonês
o tiziu sumia nas sombras das amendoeiras

ah, a alegria do pique-esconde!
achados e perdidos da infância sem casta
todos tínhamos muitas bolas de gude
do armarinho do senhor Eziel
bolas pretas, grandes, brancas, pequenas,
vermelhas, tortas ou quebradas

de tenro a terno passei
hoje as cores e formas das bolinhas
cresceram e perderam a fôrma de criança

ainda brinco de pique-esconde
mas me escondo por não saber viver

Magnólia

Ricardo Lahud

Guarujá, SP

Desperdicei versos geniais,
odes, epopeias, elegias até,
com musas mundanas, banais,
e quando, enfim, sacias minha fome
de mulheres únicas, especiais,
Magnólia calha ser teu nome

Procurei nos clássicos,
Fui aos gregos,
Fui aos sebos,
Fui aos sábios,
Dicionários, alfarrábios.
Fracassei.

Cruel destino.
Em completo desatino,
bati bumbo no terreiro,
incorporei Alberto Caeiro
e nada de Magnólia rimar

Mulher bacana, quando bacana é bom
Mulher sacana, quando sacana é dom
sem queixa na lama,
toda gueixa na cama,

Magnólia, teu nome, tua sina
e o poeta broma na façanha
de caçar uma única rima

Como provo meu bem querer
Sem construir uma trova sequer?

Magnólia, musa perfeita,
te proíbo me imaginar
mais feliz com Beatriz
mesmo que cunhada
tão nova, tão ajeitada,
seja uma tentação danada.

Basta um verso rimado,
Magnólia,
uma rima singular
perdida no ar ou no mar,
rica, pobre ou remediada,
para esse poeta atingir a glória.
A Glória, Magnólia!

A obra sem fim

Pseudônimo: *Robert Leza*
Carlos Nathan Sousa Soares
São Gonçalo do Piauí, PI

Não falarei do avesso que da arte
se desprende como quem se livra
da arquitetura das igrejas e templos.

Falarei da arte que ali habita. Da
nítida face enrubescida no espanto
de Gaudí. Da febre que devora
os olhos de quem passa sob o
juízo em músculos de Miguel.

É desta arte que eu falo. Da
argamassa, do pó, da forma,
da textura. Do traço delineado
sobre a audácia. Do fino balé
das espátulas na cara dos fantasmas.

Falo da pele tatuada das paredes,
dos tetos; do piso voraz que ao
chão dá brilho e raridade.

Em tudo há expediente e agravo.
Mas, ainda assim eu não falarei
de mãos e bocas; de gritos inauditos

devorando os ares.

Falo do insuspeito que
no concreto cala.

Sem presságio
ou sonho que se instala

Sepultura

Amanda Santos Conceição Lima

Alagoinhas, BA

Meu querido vô!
Quem dera que eu pudesse,
No soluço de uma prece,
Na sepultura,
Que são luzes;
Enche-las sempre,
De beijos e abraços,
E abrindo os braços,
Morrendo de saudades,
Ficar sendo a tua cruz.
Descer chorando
No teu leito,
Tirar do peito,
Em cinzas já desfeito;
O coração que me compreendia tanto,
E abençoava todo canto,
Que molhava o meu pranto.
A fria terra,
Que o teu corpo encerra,
Purificada,
Seja abençoada,
Por uma lágrima de saudade triste,
Que permanece dentro d'alma,
Na pureza do teu esplendor.

Deus, bem que podia,
Das tuas cinzas frias,
Sendo estremecidas
Por um doce embalar,
Fazer estrelas
Eternas de esplendores,
Neste imenso espaço,
De luzes,
Que já não vês mais.

Os amantes de Valdaro

Pseudônimo: *Gregório Vaz*

José Carlos Mendes Brandão

Bauru, SP

Os amantes de Valdaro se amaram até a morte.

O sol se pôs e não se levantou nunca mais.

O mundo acabou?

O amor é mais forte do que a morte.

Os Amantes de Valdaro se amam
do Neolítico até a eternidade.

O amor é um punhado de ossos.

Memória

Pseudônimo: *Sophie*
Sônia Maria Carriel Brandão
Bauru, SP

As lembranças crescem
no sangue
do sol poente

O velho poço
tira
as estrelas lá do alto

A terra se mistura
com o pó
dos pássaros e das borboletas

e cega
os olhos ressequidos
dos velhos

Todas as canções se apagaram
é terrível o silêncio na garganta dos mortos

Enquanto chove

Pseudônimo: *Ana Blue*

Ana Géssica Fernandes da Silva

Nova Friburgo, RJ

antes eu pensava que os amigos
fossem como dias de sol
despontando na janela do meu quarto,
me chamando pra acordar.
mas às vezes tenho insônia;
não dormi nem um pouquinho,
e me dói os olhos de andar com eles sempre tão abertos
– às vezes tudo o que eu mais quero é descansar

então também acredito
nesse amigo que é chuva,
que chega feio e de repente, debaixo de mau tempo
refresca o chão deserto do meu peito
e me faz lembrar
que toda a semente que eu plantei
repousa agora
mas também germina enquanto chove

Gritem mais, meninas!

Ailton Santos
São Paulo, SP

1

Cuidado, menina!

Corra, menina!

Pra baixo da cama!

Feche os olhos, menina!

Esconda a cara na lama.

Olhe as bombas, menina!

No chão! As balas! As balas!

Bombas

e

mais

bombas –

sol a sol

noite e dia

sangue ossos

frutos raízes.

Nas ruas berços asilos

sonhos orgasmos sorrisos.

Bombardeios riscam o céu

e explodem jovens viúvas

com filhos nos peitos nus,

no útero, todos os futuros.

As crianças que brincam na rua

morrem com a mesma música

de horror
ao tilintar das taças dos cínicos
assassinos, a brindar a cada vitória
que multiplica suas moedas de ouro
e semeia cadáveres, o seu tesouro.
E as novas flores dos jardins?
Até suas pétalas já amanhecem estopins.

2

Cuidado, menina! Corra, menina!
Minha casa só poeira e ruínas.
Mortas as meninas irmãs minhas
mamãe meu vô o gatinho...
Meu pai desfeito em trapos
sem pernas rosto e braços
dentaduras rindo na poça de sangue
que molha o cabelo branco da vó
de olhos vidrados de medo pro céu
cego de estrelas, sem azul nem sol.
Minha vó, meu último colo,
agora no meio das pedras,
pés presos aos restos do teto,
mãos esmagadas entre panelas
tijolos e brasas ainda acesas,
um pedaço de pão na boca aberta.
Acorda, vó! Acorda! Vó! Vó!
Outro rá-tá-tá corta plantas no quintal
e tritura a bilha com a água do chá.
Nuvens de poeira vestem os cadáveres
e me cegam, me sufocam, me desesperam.

*Um fio de sangue escorre na testa da mamãe
até o canto da boca, que se mordida de dor
ao agonizar, tentando alcançar minha mão.
Meus dois cabritinhos berram como bebês
por leite
no escuro da cisterna seca pedindo tetas
da mãe morta.
Meu cocoricó agoniza perto do paiol
com as penas em chamas.
Nunca mais ouvirei meu amigo cantar
de madrugada chamando o dia pra brincar.
Pó! Pó! Pó!
Ai! Meu miau!
Vó! Mãe! Pai!
Ninguém se mexe nos escombros.
Desapareceram todos num estrondo.
Terremoto? Todos mortos.
Só gritos e ecos de bombas e balas
que não param, que não calam.
Bombas e balas que não calam.
Os corpos, todos os corpos – só pedaços.
Meu corpo de menina, um espantalho
agora reduzido também a ruínas:
na alma, facas em brasa;
no ventre, sementes de monstros
com medonhas máscaras da morte,
que me mordiam a nuca
e me rasgavam a carne
aos gritos:
– Quieta, menina! Calada, putinha!*

*Tanta dor, mas tanta dor
que me deitaram menina e levantei mulher
mordendo a língua sem poder gritar.
Eu quis rezar e não vi Deus na escuridão.
Nem água para lavar a baba
daquelas feras, as marcas
do sangue na carne rasgada!
Minha casa?
Meu corpo?
Só ruínas de ruínas.
Para não acabar louca,
não cortar os pulsos,
não vomitar até os ossos,
finjo que é o meu gatinho
que brinca dentro de mim
e não a semente dos demônios
que escarraram no meu sangue à força
enquanto urravam de ódio e de gozo
riscando com punhal o meu pescoço.
Passo a mão na testa
para espantar as moscas
e sinto na pele o cheiro podre
de porco sujo de lama antiga,
de cadáver rejeitado pelo jazigo.
Mas nada de lamento, nada de chorar:
é fugir, fugir sem olhar para trás.
Se possível, sem pisar nos ossos
nem esmagar os sorrisos mortos
nos lábios dos noivos abatidos à bala
no momento que uniam sua sorte*

e seus azares.

*A única bagagem, além do horror
que me tortura e queima o ventre
e da marca do punhal na garganta,
é a metade da boneca da irmã caçula
presa pelas tranças à minha cintura
ainda com a marca de seus dedinhos
(no sorriso de bochechas rechonchudas)
que uma bomba mandou para o ar.
Agora ecos de bombas e balas
abóiam legiões em fuga pelo deserto
enquanto minha barriga incha e queima
mais que o sol e as areias em brasa.
Sempre tangida pelo medo,
a caravana de mortos vivos avista o mar.
À beira do abismo, da praia, esqueço a dor,
a fome e até o meu nome.
Mas não a infâmia.
E com a legião de fantasmas alucinados
tento escapar da morte
para o fim do mundo,
qualquer mundo
longe de bombas, balas e monstros.
Em volta de frágeis barcos à deriva
as ondas do mar espalham cadáveres
em cegos mergulhos de pássaros
numa travessia sem destino.
Súbito,
um peixe escapa do bico de uma gaivota
e cai do céu no colo de um velho*

*macilento bem à minha frente
que o agarra e devora com fúria de fera
cuspindo escamas pelos cantos da boca.
Milagre?
Logo o peixe volta num jorro de vômito
e desaparece nas ondas do mar revolto.
Choro calada, sem uma lágrima,
mordendo a língua seca e áspera
de animal sem ração e sem água.
Trêmula, engasgo com meu vômito
ao cruzar as mãos sujas na barriga
depósito de mais de um filho medonho
que desperta rasgando-me a carne
com pontapés e mais pontapés
a repetir o horror dos golpes dos pais
que tanto me pisaram e me cuspiram.
Para não enlouquecer, olho a escuridão
e imagino que o ruído das ondas
é o chá que ferve para cada fugitivo beber
antes de adormecer nas estrelas
ou desaparecer no fundo do mar.
Minha barriga estufa a cada minuto
como balão repleto de um filho
de cada monstro que me sangrou.
Como apagar o fogo das vísceras,
afastar os dentes nojentos da nuca
e devolver vida àquela menina antiga
que nem me lembro quando morreu
enquanto os cães a usavam como latrina?
Noite alta, gritos ecoam como sino:*

*– Todos fora! Fim da viagem! Todos fora!
Cegos na neblina, apavorados fantasmas
jogam-se dos barcos para a morte.
Corpos bóiam como carcaças de pássaros.
Nenhum gemido ou grito por socorro:
os espantalhos deixamos a voz
na garganta dos mortos
que ficaram para trás
nos dentes das feras,
nas armadilhas da guerra.
Passo a passo, sem rumo no escuro
os sobreviventes, nos labirintos de maus presságios
só recebemos vento e gelo no coração da Europa.
E gelam sangue, alma, rosto e pés –
patas mutiladas da imensa centopéia
que se arrasta, avança e recua
nas jaulas invisíveis do exílio
tangida em noite de novos horrores
por outros cães de fronteiras
que sangram nossos corpos magros
em dores antigas e mesmos trapos
contra as garras das cercas de aço
que confinam nossas esperanças
e o desespero de rebanho manso
anunciando aos berros outro inferno:
– Quietas, meninas! Quietas, meninas!
Fecho e abro os olhos: só ruínas.
Ruínas de ruínas de mil meninas,
presas pelos mesmos monstros
que vestem outras máscaras*

*com novas cores da mesma morte:
ecos de bombas e balas,
bombas e balas que não calam.
– Quieta, menina! Quieta, menina!
De novo na noite gelada e sem fim
dentes na nuca, punhais na garganta
gritos de ódio e gozo, carne rasgada.
E os pontapés na barriga não param.
Balas e bombas que não calam.
Mas
vamos gritar, meninas.
Não se calem jamais.
Gritem mais e mais.
Pois só nossos gritos calarão
bombas balas e punhais.*

Instrumento para iluminar silêncios

Pseudônimo: *Jow Ermani*

Rogério de Souza Germani

Ibiporã, PR

Estou íntimo da poeira que ampara as sandálias de Cristo,
meus deslimites de alma me bastam já para ouvir conselhos
em cada fresta que o sol toca.

Ungidos meus ossos agora são ponte e abrigo aos andarilhos,
minha voz não mais me pertence:

é instrumento para iluminar silêncios nas horas tristes,
farol que abraça os barcos vazios.

Atraso o tamanho dos meus querereres

para que reine a anônima palavra nas plantas, nos bichos.

Apenas tela, deixo que os céus projetem seus gostos,
suas vestes em meus poros;

edifico o sumo que irmana a todos e alimenta o mundo.

Feito as lesmas translúcidas, agradeço o bocado de sal que me ofertam
e sigo até desaparecer o canto de vidro nos olhos fecundos;
aprendi a deixar no caminho pétalas e fragrâncias de lua.

Sol e lua

Pseudônimo: *Aprendiz de Menino*

José Ivan de Santana

Cipó, BA

Debaixo da saia da noite
Flertando com estrelas de pelos ruivos
Dois amantes brincam de anoitecer o sol.

À noite,
A lua côncava é uma delícia de encaixe.

Dentro dela,
Na intimidade das quatro paredes lunares, brilha sol no seu útero branco...

...

Lua cheia,
Cheia de ternura...

Lua minguante,
Minguante de toda assimetria...

Lua nova,
Novos dentes de leite...

Lua crescente...
Com olhos marejados os oceanos se derramam.

Espuma de tuas vagas.

...

Debaixo da saia da lua
Tem uma estrela que cintila
Na escuridão-luminosa do universo.

Debaixo da saia da lua
Serena beijos de amor.

Véu de aurora.

Sem cortinas de nuvens
A noite amanhece
E a fertilidade se espraia.

Domingo

Pseudônimo: *Aprendiz de Menino*

Cleide Lacerda de Brito

Serra, ES

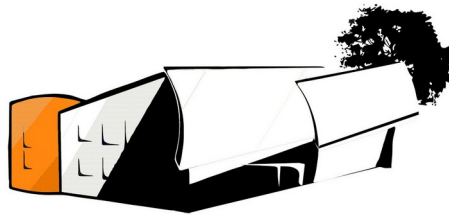
Netos na sala
Filhos pelo mundo
As fotos antes da mesa posta
Antes das mentiras ditas
Antes dos desafetos lembrados
Segurou firme na borda da toalha
Flores grandes, papagaios no natal
Manchas de gordura de almoços eternos
A mesa posta e o altar profanado
para deleite de sua alma cansada.
Puxou a toalha e mergulhou no chão frio
rajado de vermelho e cinza.
Fechou os olhos e viu sua mãe, igualmente velha,
com os peitos enormes, lenço na cabeça,
vomitando uma espuma verde de tanta fome.
Única lembrança da infância na Caatinga de estrelas no chão
Viu seu pai com um saco de farinha nas costas
Sentiu um cheiro de pó de nuvem
e seus irmãos avançando famintos.

Realização

SEMAC
SECRETARIA DA
AÇÃO CULTURAL



PREFEITURA DE
Piracicaba
TRABALHO SÉRIO



BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Ricardo Ferraz de Arruda Pinto